

Sé de Viseu — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Mercier

Cento e trinta annos, pouco mais ou menos, antes de Christo, Decio Bruto, pretor, mandou fazer no logar em que hoje está a sé, uma fortaleza com duas torres, que são a da homenagem e a dos sinos, que ainda existem. Em uma d'ellas se conservam os nomes de dois irmãos auctores da obra, chamados Frontonio e Flaco; na outra estão as aguias do imperio. A elles parece que deixou o pretor encommendada a nova cidade, quando partiu para Entre-Douro e Minho, depois de ter posto á fortaleza o nome de Visoncio ou Viso (como dizem muitos), pela grande vista que d'ella se descobria, ficando como de atalaia á antiga cidade.

Entre estas duas torres foi depois edificada a sé, que é das mais antigas do reino, e está no mais elevado da cidade, com uma praça diante.

O interior do templo é amplo bastante, dividido em tres naves. A capella-mór, ainda que pequena, é de boa fabrica, e têm uma formosa imagem de Nossa Senhora, sob o titulo de Pedregal. A abobada é toda de granito, e guarnecida de uma rede, ou corda, dando nós de espaço em espaço, tudo feito da mesma pedra, e com tal arte que parecem estar separados. A sacristia é espaçosa, contém bellos quadros a oleo, e na capella do Sacramento se vê uma rica e formosa pintura representando a Ceia, obra do insigne artista d'esta cidade, o sr. Antonio José Pereira.

Tem a sé de Viseu um precioso thesouro de reliquias, e entre ellas, o braço de S. Theotonio, muita prata, e riquissimos ornamentos e paramentos.

Esta egreja cathedral era de conegos regrantes de Santo Agostinho, antes da destruição de Hespanha, e depois de restituida, foi da mesma ordem, annexa ao convento de Santa Cruz de Coimbra, de que era prior o bemaventurado S. Theotonio, e a renunciou nas mãos do papa Alexandre III, para effeito de a erigir em cathedral, como fez a instancias do conde D. Henrique.

De um lado ficam os claustros, guarnecidos de capellinhas com diversas invocações, e do outro o paço episcopal, denominado o collegio, aonde hoje estão differentes repartições civis e ecclesiasticas, porque os senhores bispos, desde 1810, tem feito a sua residencia fixa na quinta de Tontello nos suburbios d'esta cidade, quinta de que fallaremos em outro artigo.

Miguel Xavier Mercier de Almeida.

OS VELHOS DE NEVOGILDE

N'este seculo, em que até na esphera da vida intima dão rebate as tempestades do mundo exterior, quando se discutem todas as idéas e todos os sentimentos, quando vae alto o alarido no campo das consciencias, ha almas desconhecidas que se retiram da lucta, e, sem discutirem o pró e o contra de cada opinião, conservando-se de longe isoladas, parecem fadadas só para darem grandes exemplos.

Não ha orgulho n'essa isolação, porque é filha da mais absoluta espontaneidade. Não ha esdruxularia, porque taes almas quasi sempre são summamente ti-

midas. Não sei eu como explicar uma virtude tão extraordinaria. Póde ser que os derrancadores da natureza humana lhe achem debeis os fundamentos, mas por minha parte sempre darei os meus parabens a almas de tal predestinação, como os daria a um homem que á minha vista se salvasse do impeto arrebatador de caudalosa torrente.

I

Ha no littoral do Minho, entre S. João da Foz e a povoação de Mattosinhos, um pequeno logar chamado Nevogilde, que se de importancia é pobre, pelo formoso do sitio, pelo pittoresco dos arredores, pelo sadio dos ares, leva a palma ás soberbas povoações suas visinhas.

A torre da egreja parochial, e assim como as mais das casas do logarejo, alveja de longe entre verdes copas de arvoredo: prados de pura esmeralda se derramam pelos contornos, e são fechados da banda de léste por pinheiraes eternamente viçosos na coroa de suas collinas: cordilheiras de vegetação florida se estendem para norte e sul, na direcção de Leça da Palmeira e de S. João da Foz: para oeste desdobra-se a planicie do mar, que não cessa de balbuciar queixas gemebundas sobre aquelles amplos areaes.

Contemplae, por tarde de junho ou agosto, limpida e serena, essa peregrina filha do Oceano. Que perspectiva mais pittoresca do que essa mistura de verdes, ceo azul, vagas espumosas, colmos fumegantes, granjas meio escondidas na folhagem. Se lanças os olhos para a terra, vês manadas de bois retouçando nos lameiros, os guardadores dormindo á sombra das arvores, o lavrador occupado em algum trabalho rustico. Se os lanças para o mar, enxérgas a velinha branca do pescador, que leva o rumo á Povoa ou a Leça da Palmeira, e lá na linha do horisonte algum solitario navio, que veleja, arrasado em pôpa, para S. João da Foz. Se os lanças para o ceo, vês Deus revelado nas perpetuas alegrias de tão formoso azul!

Por uma d'estas bellas tardes de junho de 1825, quando descia o sol ás aguas, caminhavam por um dos atalhos que vão de Nevogilde á beira-mar, tres pessoas, que pelo vagaroso do passo bem mostravam ir de passeio.

Eram duas mulheres e um homem. Uma das mulheres, que era precedida alguns passos pelos outros personagens, inculcava uma edade apenas madura, e trajava vestuario simples, mas decente. A outra mulher, que a precedia a distancia, e ia quasi encostada ao hombro do homem, parecia ter vinte e oito ou trinta annos: era esbelta como se tivera vinte, e vestia com modesta elegancia. O homem dava mostras de ser da mesma edade: trajava uma jaqueta e um chapéo desabado, como os dos embarcadiços de Matthosinhos, mas o seu aspecto era menos plebeu e menos rude.

As mulheres, que eram mãe e filha, constituiam a familia remanescente d'um antigo capitão de navios, chamado por alcunha o Catraieiro, nome que pegára na familia.

O velho dormia agora o seu ultimo somno debaixo d'uma lage da egreja parochial, mas a sua esposa Joanna conservava permanente a tradição do seu genio bondoso e caritativo; e Eulalia, sua filha, era o traslado vivo do capitão em genio e feições. Morena, de olhos azevichados, cabello negro, e com os labios meio lascivos, meio carinhosos, sempre entre-abertos, todos reconheciam n'ella as feições do pae, e quando lhe escapavam essas rudes, mas francas exclamações, esses repentes indiscretos, mas sinceros, que o velho capitão tanto amava, os pilotos octogenarios batiam as mãos, bradando com emphatica ternura: É o retrato do Catraieiro!

O homem, porém, que acompanhava Eulalia e precedia Joanna, era Domingos, o filho d'uma viuva de Nevogilde, que durante o periodo da invasão de Bonaparte, conhecido do povo pelo nome de *tempo dos francezes*, se refugiára com seu filho n'aquella aldeia, fugindo á morte, que seu marido, cabo do exercito, recebêra dos francezes.

A criança que a viuva levára comsigo, chegada que foi á edade conveniente, e logo que se desvaneceu a trovoada da invasão, foi arrumada n'uma loja de mercearia do Porto, e a viuva ficou vivendo sósinha em Nevogilde.

II

Em quanto Joanna, coxeando pela avenida, se abstrahe contemplando, para a direita e para a esquerda, os campos que ondeiam com a viração da tarde, diz Domingos:

— Ó Eulalia! quando me lembra que é este o ultimo passeio que dou comtigo antes de embarcar, corta-se-me o coração. Dizendo isto, lagrimava.

— Ó Domingos, pois não te lembras tu do que se passou hontem á noite? Tu tinhas as minhas mãos apertadas entre as tuas; e eu sentia-t'as a arder em febre; depois não sei qual de nós disse que aquella era a penultima noite que passavamos juntos, e tu desataste a chorar. Mas eu disse-te que não deviamos chorar, porque em dez ou vinte ou quarenta annos, vivos ou mortos, fidalgos ou mendigos, haviamos de ser um do outro. E tu promettesteme que esta idéa havia de ser a tua consolação.

— Mas que me importa a mim isso? Qualquer de nós póde morrer dentro d'um mez de separação; uma doença, um desastre nos arrebata um ao outro. Que idéa, meu Deus!

— Não tenhas medo: eu sou morena, e dizem que as pessoas morenas são vigorosas e vivedoiras. Tu tambem és robusto, e has de poupar a tua vida. Não tenhas medo.

— Mas como não hei de eu dar ao demo a minha sina, lembrando-me do que se passou?... Aquelle passado...

— Essa é tambem a minha pena, atalhou Eulalia, com soluços e levando o lenço aos olhos. Não me magôa mais nada senão o lembrar-me do que temos passado um com outro; parece que foi hontem o dia em que fallámos pela primeira vez. Tu vinhas todos os domingos visitar tua mãe e passavas pela porta de nossa casa. Eu gostava de te ver, e tu olhavas sempre para mim. Custou-te muito a dirigir-me a palavra, mas...

— Tu mostraste-me um sorriso e déste-me coragem. Nunca tive tamanho gosto como quando te fallei e me vi tão bem recebido...

— Depois, continuou Eulalia sempre soluçando e com o lenço nos olhos, tudo tem corrido tão felizmente entre nós, nunca um desengano, nunca uma desavença...

— E tu cada vez mais carinhosa e mais cheia de extremos... que bellos dias tenho passado n'esta terra de Nevogilde! que saudades aqui tenho matado! que esperanças aqui tenho concebido!

— E tudo isto custa muito — disse Eulalia, limpando a ultima lagrima, suffocando o derradeiro soluço. Tudo isto custa muito, mas é preciso que tu obedeças ás ordens de tua querida mãe. Ella quer ter na velhice quem olhe por ella: tu és o seu unico e amado filho: em Portugal nunca terás com que ajuntar fortuna; deves partir para o Rio.

— Ó Eulalia, mas como hei de supportar este golpe?

— Como eu o supporto. Tu não sabes como eu te amo. Mil vezes t'o tenho repetido, mas não ha palavras que o possam exprimir. Sabes por que? Porque espero em ti, e em Deus que ouve o que nós dizemos.

O dialogo continuou n'este gosto. Eulalia, forte e esperançosa, chorava pelo passado, mas não estremecia diante do futuro! Domingos, olhando para traz, desmaiava perante as suas reminiscencias, e não desmaiava menos perante a idéa de que tinha a saír pela barra fóra no dia seguinte.

III

Sobre um penhasco algoso, que se eleva junto da foz do Douro, e onde as vagas, quebrantadas pela veia caudal do rio, já não levantam os grandes lençoes de espuma que se estendem pela costa, está sentada Eulalia e sua mãe.

Desde que assomaram os primeiros arreboes da madrugada, o navio onde vae de passagem o filho da viuva, está de verga d'alto junto do Cabedêlo, e vae partir.

Eulalia, grande mulher, fita n'elle os olhos sem lagrimas, mas com profundo silencio. Ou a dor é tamanha, que as lagrimas a não exprimem, ou é tão varonil o coração, que, pendurado d'uma esperança, nem sequer pulsa mais rijo.

Mas o navio começou a mover-se e a adiantar-se. Ultrapassou a ponta extrema do Cabedêlo, e entrou nas vagas do Atlantico. Começou em fim a jogar, e aquelles movimentos desconcertados das vergas, das bandeiras, do velame e da enxarcia, aquelles magestosos solavancos de proa á popa e de estibordo a bombordo, pareciam um adeus que acenava o navio para a terra, pareciam uma demonstração de saudade, uma despedida para os que ficavam cá fóra.

Domingos ia encostado á amurada da galé, com os olhos pregados no rochedo, onde sabía que o esperava Eulalia e sua mãe. Desde a uma hora da noite, em que as deixára em Nevogilde, e lhes déra, ao luar, o ultimo adeus, perto do pinheiral do monte, o seu coração, cheio da lembrança d'ellas, retalhado de agonias pungentes, palpitava-lhe com continuado alvoroço dentro do peito, reprezando-lhe as lagrimas.

Mas quando o navio chegou em frente do rochedo onde jazia Eulalia, e elle tomou o lenço para dizerlhe o ultimo adeus, quando viu o lenço branco da sua namorada, agitando-se phreneticamente nos ares, Domingos creu sentir um golpe mortal, e as lagrimas derivaram a flux. Em quando pôde distinguir o grupo, d'onde muitos lenços lhe acenavam, ainda teve valor para lhe corresponder; mas logo que confundiu o lenço de Eulalia com os outros lenços, perdeu o animo, e retirou-se da amurada, meio louco de dor.

E louca de dor tambem, Eulalia sentiu desfallecer-lhe aquella viril energia do coração, quando o navio lhe passou em frente com as velas inchadas, e n'um instante se adiantou no azul bellissimo dos mares. Chorava em torrentes, e com grande custo sustentava na mão trémula o lenço com que aceñava as despedidas ao seu pobre Domingos. Estava pallida como uma estatua. Ainda que as suas violentas angustias não se desentranhavam em gritos e exclamações ruidosas, claro lhe conhecerieis nos olhos e nos labios franzidos a inquieta febre do padecimento.

Joanna, apenas o navio se alongou algumas milhas da terra, convidou Eulalia a pôrem-se a caminho para a sua casa de Nevogilde, e teve a satisfação de ver applaudido o seu convite.

Partindo para Nevogilde pela beira-mar, acompanhava-as um maritimo, piloto jubilado, que casualmente as encontrára na praia da Foz, e, ainda recordado do seu antigo amigo catraieiro, as quiz acompanhar até ao castello do Queijo, que fica logo proximo de Nevogilde, ao pé das ondas.

— Pelo que vejo, disse o piloto, era o rapaz mais festejado em casa da sra. Joanna do que mesmo na sua. A mãe não veiu ao bota-fóra; vieram vocês [1], e acho eu que a sra. Eulalia vae bem azabumbada.

— A mãe não veiu — respondeu a terna esposada do catraieiro — porque anda quebrada de doenças, e disse-me que não tinha forças para ver a saída do filho. Nós viemos, porque temos boa vontade ao rapaz, que, a dizer a verdade, era de casta, como se quer.

— Não foi só por isso — proseguiu, servindo-se de malicia, o marinheiro. Todos sabemos a inclinação que elle tinha por alguem da vossa casa.

— Falla da minha filha, não é isso? Ella, com effeito, não tinha aversão a Domingos, e certa estou de que, se o rapaz não fosse para o Rio, poderiam um dia ter ambos o mesmo futuro. Todo o mundo o sabe...

— Que diz a isto a sra. menina? — acudiu o piloto. Parece que váe assim como que esquecida de nós! Ainda não disse uma palavra...

— Que hei de eu dizer? — respondeu Eulalia com voz frouxa, parando e dando mais um olhar choroso, como os muitos que dera, á velinha branca que se divisava no horisonte. Vocemecê bem vê que eu não vou boa; já sabe tudo; para que me quer molestar com as suas perguntas?

— Ah! menina! menina! — disse então o piloto, sacudindo a cabeça com um meneio desgracioso, e fitando, meio ironico, meio grave, as duas mulheres que o olhavam com attenção — chora o seu Domingos, que vae ganhar a vida no Rio, e que acrescentou com rudeza franca o grosseiro homem do mar lá será talvez mais feliz do que n'esta terra! E dá-se ao diabo por tão pouco! Que faria se passasse pelo que eu tenho passado! Vi morrer a minha mulher na propria cama que serviu para o dia do nosso casamento. Vi morrer meu pae, enforcado na verga de uma galé, por lhe assacarem um crime de que depois se veiu a conhecer que estava innocente. Vi morrer minha mãe de mágoa e de vergonha. Vi morrer meus dois filhos, um de onze, outro de quinze annos, n'um naufragio que fizemos nas costas da Irlanda, onde o mar é levado de mil diabos. E comtudo, sra. Eulalia, vê-me aqui fresco e alegre como sol, ganhando a minha vida por estas costas que me viram nascer, sempre cheio de riso e de bom tempo. Que vale affligir? Dois dias de viagem querem-se regalados e passados com boa cara. Eu tenho cá na cabeça, que não ha coisa que valha a pena de se a gente fazer velha antes de tempo.

Estas palavras, pronunciadas com franca e rude satisfação pelo grande homem, pelo grande philosopho anonymo, apesar do ingrato exordio de que foram precedidas, consolaram Eulalia mais do que era de presumir. Joanna ouviu tudo com a boca aberta, pasmada de tamanha coragem no seu amigo: sua filha, porém, arrastada pela mesma fascinação, comparou com tamanhos infortunios a sua pequenina desgraça, e sentiu-se confortada.

— É doidice — disse ella comsigo mesma. É uma doidice a minha grande afflicção. E depois — acrescentou, volvendo o derradeiro olhar á vela que se desvanecia no azul claro das ondas — Não me prometteu elle voltar?

IV

Saltemos agora por cima de muitos annos ao dia 28 de maio de 1859.

Não longe do presbyterio da povoação, cujo campanario se descobre do alto mar, ha uma modesta casa de dois andares, cujas janellas doira o sol ao pôr-se no horisonte. Moram alli dois velhos conjuges, que fazem as delicias da aldeia, porque se fizeram protectores dos pobres, e anjos padroeiros de toda a visinhança. Não tem filhos, mas são-lh'o todos os necessitados do logar e contornos. Cobrem aquella casa as bençãos de toda a freguezia.

[1] É o tratamento predilecto da gente do mar.

O sol de maio esconde-se na solidão das aguas, e na janella da casinha, proxima do presbyterio, estão os dois velhos conversando, com os olhos fitos no mar.

— Faz hoje vinte e tres annos que eu vim do Rio.

É verdade, diz a velha, foi no dia 28 de maio de 1836; data nunca esquecida.

— Ó Eulalia! — exclamou o velho, apertando as debeis mãos na cabeça despida — e os onze annos que tinham passado?! e os onze annos que medeiam desde 1825 a 1836!

— Melhor é nem recordar similhante coisa — tornou a velha, fazendo um gesto de aborrecimento. Olha que talvez poucas pessoas tenham uma vida tão cheia como a nossa.

— Não ha duvida. E o que eu te digo é que levo a alma lavada de cuidados para a sepultura. Descanço em paz, porque te paguei o melhor que pude o muito que te devi. Onze annos que labutei no Rio cá tive sempre os olhos; por ti trabalhei, por ti ajuntei, por ti fui sempre de bom porte, porque quantas vezes me tentava a fazer uma ruim acção, parece que te via a dizer que não, que não devia fazer aquillo, senão que te esquecerias de me escrever para lá... Não ajuntei muito, porque só trabalhei onze annos; mas ajuntei o preciso para sermos felizes todos nós, tua santa mãe, a minha...

— Não chegaste a ver a tua, coitada! Era santa, foi ao ceo. Mas a minha ainda teve aquelle grande gosto... Deus Nosso Senhor nos conserve sempre uma velhice tão sagrada como foi aquella de minha santa mãe. Dias felizes! Dias felizes! Muito temos que agradecer a Deus!

V

Quando me contaram esta historia, passada na formosa povoação de Nevogilde, a minha imaginação ficou completamente satisfeita nos seus votos mais atrevidos. Ceo azul como aquelle, horisontes tão limpidos, prados tão saudosos, arvoredos tão cheios de poesia, perspectivas tão pittorescas, não comportavam historia menos risonha, drama mais carrancudo, lances menos consoladores. Era assim que eu sonhava uns heroes, quando do alto da Senhora da Luz atirava os olhos pelo estendal pittoresco e romantico, opulento de poesia e de saudade, que váe do sopé do monte do pharol até ao espelho onde se miram as casas brancas e os areaes longinquos de Leça da Palmeira.

Onze annos de fidelidade! Onze annos de separação! Onze annos de amor juvenil!

Sabeis o que são onze annos passados longe da mulher amada, e na convivencia de outras mulheres? E que coração de mulher era aquelle, que deu de mão ás faceis expansões da formosura, para aguardar o de um amor violento, mas contrariado, a morte ou a vida?

Onde são frequentes estes sacrificios, e onde se repetem a miudo exemplos tão insignes, lições tão admiraveis?

Como se adquire para a alma tempera tão rija?

Pena é que Eulalia e Domingos não vol-o possam dizer.

Elle morreu em 1860, e ella o anno passado.

LEONEL DE SAMPAIO.

VISTA GERAL DO MEXICO

Cumprindo a promessa que fizemos a pag. 408 do vol. antecedente, damos hoje a vista geral do Mexico, e a descripção summaria do seu estado actual, para que se confronte com o que era este imperio no tempo em que foi conquistado pelos hespanhoes, segundo as noticias que publicámos no artigo da citada pagina.

O exito da guerra que os alliados fazem actualmente ao Mexico, e as negociações pendentes para lhe dar um soberano, hão de em breve decidir o futuro d'esta infeliz republica.

No entretanto saibamos qual é ainda a sua importancia geographica e commercial.

O Mexico comprehende vinte e dois estados, cinco territorios e um districto federal. Por isto se vê que é realmente um imperio. Para que d'elle se faça uma exacta idéa, basta sómente que dêmos noticia dos estados mais importantes.

Resenhemos primeiro os que ficam no litoral.

Na costa do golpho do Mexico fica o estado de Tamaulipas, cuja capital é Nova Santander, ou Victoria, e cujo porto principal é Tampico. Esta cidade, fundada em 1822, é hoje uma praça commercial, e um dos primeiros portos do Mexico. Infelizmente a barra que obstrue o rio Tampico estorva muito a navegação. O commercio externo d'esta praça avalia-se em dez mil contos por anno.

Segue-se a intendencia ou districto de Vera-Cruz, cuja capital se chama tambem Vera-Cruz, e é a mais importante cidade maritima da republica, onde actualmente se acham as forças alliadas, de França e Hespanha.

Malte-Brun fallando d'esta cidade, diz, com razão — que ella não deve nada aos favores da natureza.

Os rochedos de madréporas, de que foi edificada a cidade de Vera-Cruz, tiraram-se do fundo do mar. A unica agua que tem é de cisternas: o clima é muito quente e malsão; a febre amarella assola-a de vez em quando; areaes infecundos rodeiam a cidade pelo lado do norte, e pelo do sul está cercada de pantanos.

Vera-Cruz foi edificada por Fernando Cortez em 1519, em sitio pouco differente do que hoje occupa. O porto, não muito seguro e de accesso difficil, é protegido pelo forte de S. João de Ullôa, levantado sobre uma ilhota roqueira, com immenso dispendio. Não obstante á sua reputação de inexpugnavel, foi tomado pelos francezes em 1838. Vera-Cruz succumbiu tambem ás forças anglo-americanas em 1847; e actualmente, as esquadras franceza e hespanhola estão senhoras d'aquelle porto. Em summa, é uma cidade decadente. O seu commercio, comparado com o d'outro tempo, é hoje insignificante.

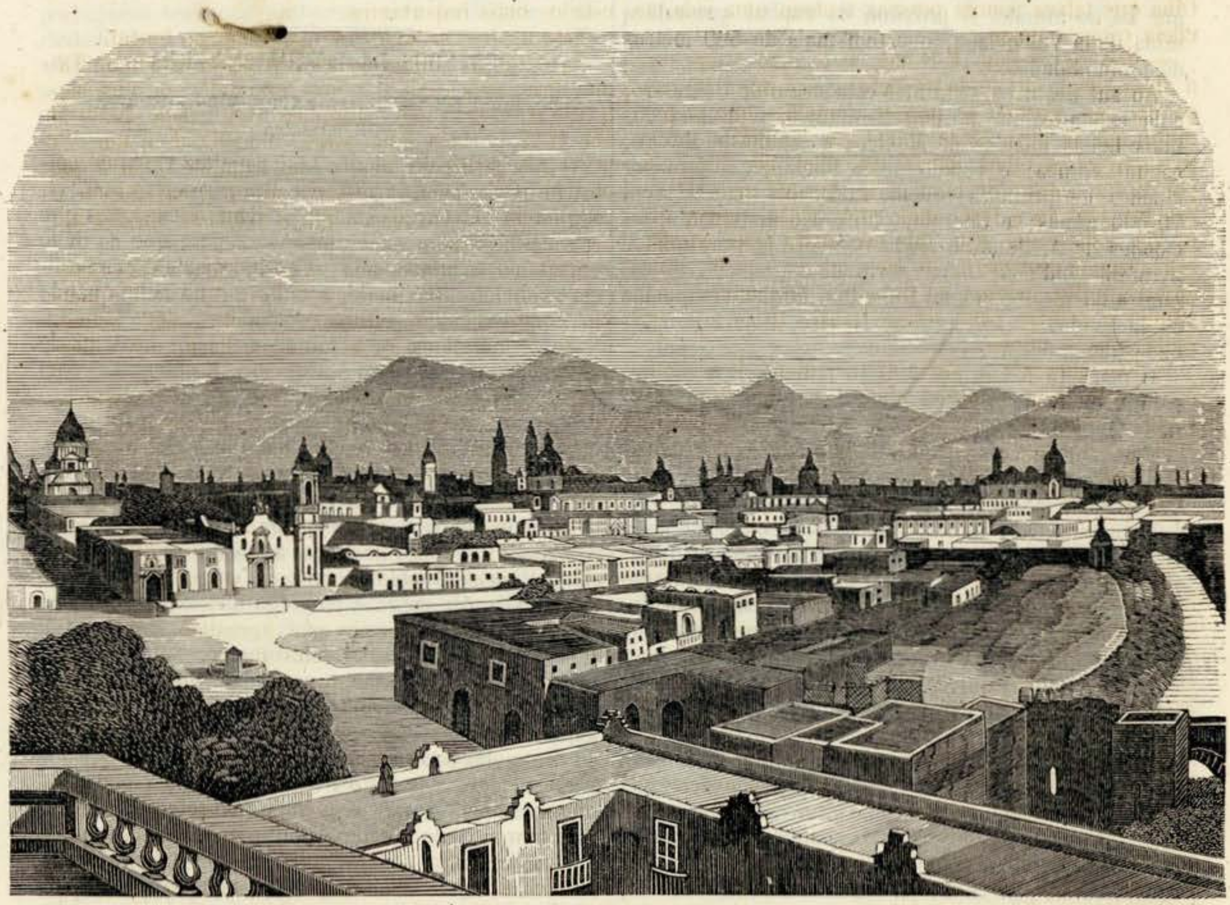
N'este mesmo districto fica a cidade de Xalapa, que deu o nome á bem conhecida planta purgativa, a jalapa. A fortaleza de Perote, tida como uma das chaves do Mexico, e onde ha uma eschola militar, fica nos suburbios de Xalapa, perto da grande montanha denominada cofre de Perote.

A pouca distancia de Vera-Cruz se ergue a ilha dos Sacrificios, cujo nome recorda as festas sanguinarias, os crueis sacrificios que faziam os antigos mexicanos. Tem um excellente abrigo para os navios que vão á cidade visinha.

Seguindo sempre a costa, de norte a sul, chega-se ao porto de Tabasco, cujas margens são cheias de grandes lagoas. Florestas densissimas, retiro habitual de toda a especie de animaes ferozes, cobrem uma boa parte d'esta provincia. A capital, S. João Baptista de Tabasco, tem uns 4.000 habitantes. Na margem esquerda do rio Tabasco fica a cidade de la Frontera, situada entre bellos pomares de laranja. É um importante deposito de pau de Campeche. Na outra margem estão as ruinas da povoação de Nossa Senhora da Victoria, nome que tomou da victoria alcançada por Fernando Cortez contra os mexicanos. Perto d'alli fica a ilha del Carmen, que fórma uma das divisões designadas pelo nome de territorios.

Passemos agora ao estado maritimo do Yucatan. De todas as provincias da America, não ha outra mais rica em monumentos antigos [1]. As ruinas de Yucatan attestam que houve alli uma civilisação não menos adiantada que a da Assyria e do Indostão. Percorrendo esta provincia, passa-se de maravilha para maravilha. As florestas encobrem, nas suas solidões, edificios agigantados, cuja architectura, posto que magnifica, em nada se parece com a do Egypto, de Roma ou da Grecia. É uma arte original, que não deve nada a nenhuma outra. Estudando-se estes monumentos, póde seguir-se, por assim dizer, passo a passo, a civilisação dos toltecas. M. Charnay, que tem affrontado immensos perigos para descobrir os restos que jazem sotterrados entre as florestas virgens, descreveu ultimamente, em poucas mas conceituosas palavras, as tres epochas architectonicas das cidades arruinadas do Mexico. «Izamal, diz elle, é a edade cyclopica; Chichen-Itza a edade media; Uxmal o ultimo grau d'esta era brilhante, apogêo de uma civilisação adiantadissima, tendo o Parthenon por *palacio do governador*.

Merida, capital do Yucatan, é uma cidade de 25.000 almas, commercial e industriosa, não obstante lhe ser pouco favoravel a sua situação.



Vista geral do Mexico

Campeche conta uns 15.000 habitantes; mas, tem mau porto; e comtudo é um emporio importante, principalmente de madeiras de tinturaria.

Os inglezes, que tem inçado o mundo inteiro de estações, que são outros tantos portos abertos a futuras conquistas, possuem ao sudoeste de Yucatan a pequena colonia de Balize, centro de uma vasta exploração de cajú e madeiras tinctoricas. Esta colonia, isenta de todos os direitos de alfandega, tem perto de 10.000 habitantes, a maior parte negros, empregados no córte das madeiras.

Se do golpho do Mexico nos transportarmos a oeste, e seguirmos as costas do oceano Pacifico, do norte para o sul, encontraremos a Velha California, o estado de Sonora, e o estado de Cinaloa, que tem por principal porto Mazatlan.

Mais para o meio-dia fica o estado de Xaleico, cuja capital é a grande cidade de Guadalaxara, com 80.000 habitantes, e o forte de S. Blas, edificado no cume de um rochedo escarpado de 50 metros de altura; o estado de Mechoacan, uma das provincias mais ferteis e mais risonhas do mundo, cognominado o «jardim do Mexico.» Os antigos imperadores d'este paiz recebiam os seus tributos d'aqui em pennas encarnadas que transformavam em vestimentas e tapetes. Nos funeraes dos soberanos, sete mulheres nobres eram immoladas com um grande numero de escravos. Dizia o povo, que era mister que os seus monarchas tivessem criados, e podessem achar consolações no outro mundo. Estes funeraes cruentos estão ainda em uso n'algumas provincias. Em Africa, por exemplo, quando morre um rei *myam-myam*, é costume enterrar com elle um cento de escravos vivos; mas como se receia que fujam depois de estarem debaixo da terra, por precaução, cortam-lhes os pés!

A capital d'este estado de Mechoacan é Valhadolid, ou Morelia, cidade de 25.000 almas, com um clima delicioso.

Segue-se o estado de Guerrero, cuja capital é Tixtla, e o seu maior porto Acapulco.

Depois segue-se o estado de Oaxaca, paiz excellente e famoso pela sua cochonilha. A capital de Oaxaca é linda, mas exposta a repetidos tremores de terra. Perto d'ella estão as ruinas de Mitla.

O ultimo estado do litoral é Chiapa, que tem hoje

[1] Vid pag. 408 do IV vol.

por capital Tuxtla; e d'antes S. Cristobal, cidade pequena, de que foi primeiro bispo o virtuoso Las Casas. Os indios d'esta intendencia formaram por muito tempo um estado civilisado, que tenazmente resistiu aos hespanhoes.

É em Chiapa que se acharam os celebres edificios de Palenque, tidos então pelas mais bellas ruinas mexicanas, porém que hoje se tem por inferiores ás do Yucatan.

No interior do Mexico, os principaes estados são, Chihuahua, Durango, Cohahuila, Potosi, tão celebre outr'ora pelas suas minas; e o de Guanaxuato, que possue ainda hoje as mais abundantes minas de prata que ha no mundo. É proximo da capital que está a mina de la Valenciana, que tem mais de 560 metros de profundidade.

Ao sul ficam os seguintes estados: o de Queretaro, cuja capital conta 30.000 habitantes, e é uma das mais bellas cidades do Mexico; o estado de Mexico, capital Toluca; o estado de la Puebla, que tem por cidades de primeira ordem, la Puebla, capital com 70.000 almas; e Cholula, outr'ora a mais santa das cidades de Anahuat, e ainda notavel por uma grande pyramide indiana; o territorio de Tlascala, cuja capital é do mesmo nome, tinha 300.000 almas quando os hespanhoes aportaram ao Mexico. Hoje é uma cidade insignificante.

O districto federal do Mexico tem por sua capital, e juntamente da republica, a cidade tambem denominada Mexico.

Esta cidade conta 200.000 habitantes, e está situada n'um fortissimo valle, ao meio da cordilheira de Anahuc, a 227 metros sobre o nivel do mar. Tem bella perspectiva; as ruas são largas, compridas e direitas, porém não aceiadas, e sempre cheias de *leperos*, que são uns vagabundos maltrapilhos, e de indigenas ociosos e depravados. Tem mais de 300 egrejas e capellas; um passeio muito frequentado, que chamam a Alameda, fronteiro ao Quemadero, praça onde se queimavam os judeus, e outras victimas do ominoso tribunal da inquisição.

A cathedral, que é de architectura gothica, possuia muitas riquezas que os devotos hespanhoes lhe tinham offertado; mas grande parte desappareceu já, depois dos lamentaveis successos que ultimamente tem agitado o Mexico. Esta egreja foi construida no sitio que occupava o antigo templo dos Aztecas, monumento consideravel, pois continha, segundo algumas versões, 500 edificios no seu recinto, com claustros e cellas destinados para religiosas, e muitas torres que se levantaram com os craneos das victimas immoladas por superstição, e dizem que chegavam a 20 e 30 mil por anno.

Os habitantes d'esta capital são muito apaixonados pela dança, jogos de parar e combates de gallos. Estoicos algumas vezes, arrebatados e vingativos n'outras, os mexicanos são tão propensos para as acções generosas como para os actos criminosos. Vêem-se entrar n'uma casa de jogo, perder n'um momento tôda a sua fortuna, e depois tirar com muita pachorra o cigarro detraz da orelha, e fumarem como se tal coisa lhes não houvera acontecido.

As mulheres não se envergonham de fumar em publico; e não é raro ver uma dama de boa sociedade, na sua carruagem com uma cigarrilha na boca. «As mexicanas opulentas, escreve a senhora Calderon de la Barca, sáem muito pouco de casa, excepto de carruagem; as ruas são tão immundas; as calçadas tão más, posto que espaçosas e regulares; o povo tão roto; e é tanta a gente, que tal repugnancia explica-se facilmente. Só durante a semana santa, e pela festa da paschoa, se póde admirar a cidade do Mexico. Na quinta feira de endoenças, as damas, ricamente vestidas, vão a pé visitar as egrejas. A cada passo encontrareis perolas e diamantes, por toda a parte sedas e veludos. As indias borbulham aos bandos, a correr com os filhos ás costas. N'este dia, as innumeraveis egrejas de Mexico offerecem um espectaculo magico; todas cheias de flores; gaiolas de passarinhos a cantar por todas as paredes; e o clero todo recamado de oiro. Assim que anoitece, uma illuminação esplendida derrama jorros de luz no interior e exterior de todos os edificios consagrados ao culto divino.

Não obstante a cessão de grande parte do territorio que o Mexico cedeu, por força de armas, aos Estados-Unidos em 1848, pela somma de 15 milhões de patacas, a republica mexicana tem ainda mais de 20.000 milhas quadradas.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

DO MODO DE USAR DAS EXPRESSÕES SUSPEITAS DE BAIXEZA

O escriptor principiante hesita muitas vezes no emprego de certas palavras, por lhe parecerem plebéas, burlescas, ou termos rasteiros. É necessario pois que elle conheça bem quaes ellas são, para que as evite em assumpto grave, aliás o periodo mais decoroso ficará ridiculo ou aviltado. E tambem que saiba quando as póde empregar com propriedade.

Isto consegue-se com a lição dos bons modelos de eloquencia e linguagem portugueza. E não menos com a dos philologos nacionaes que sobre este ponto hão dissertado. Por exemplo:

Francisco José Freire (Candido Lusitano) nas *Reflexoes sobre a Lingua Portugueza*, part. III. refl. 5., com as notas importantes do sr. Rivara a pag. 138.

Antonio das Neves Pereira no *Ensaio Critico sobre o uso das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo* XV e XVI. [1] D'este vamos extrahir o que elle diz sobre o emprego das expressões suspeitas de baixeza.

As palavras familiares são como os vestidos domesticos, que sendo limpos e aceiados, são assás decentes; nem é preciso que sejam sempre de gala para apparecerem em publico, quando não ha funcções de apparato. Ha occasiões (dizia uma boa cabeça) em que Paris se deve chamar Paris, outras ha em que diremos bem a metrople, ou a capital do reino. A que fim nos havemos de namorar tanto de certas palavras, que sejam para nós formalidades de tabellião que nunca se hajam de mudar? Uns tem sempre de sua mão *expedito*, *obliquo*, e outras que cheiram a latim, e lhes parecem mais afidalgadas, de maneira que nunca lhes ouviremos *escoteiro*, *esconso*, etc. *Completo*, *delicado* e outras similhantes, são as mimosas dos afeiçoados a francezias; nunca lhes ouviremos, *perfeito*, *inteiro*, *melindroso*, etc. Para outros não ha senão *conferir*, *comparar*, ou *combinar*; nunca apparece *cotejar*. *Vezo*, *vezeiro* não são palavras podres nem pêcas; mas fogem d'ellas os que juram em Madureira, que diz serem palavras baixas e de pouco uso. *Affazer*, *affeito*, *affazer-se*, são pedra de escandalo para alguma gente; mofam de quem diz, *estou affeito a correr*, uns querem, *estou feito a correr*, outros, *estou costumado*. É fado das palavras.

A verdade é, que n'uma lingua deve haver palavras de diversas ordens, comicas, burlescas, graves, sérias, flóridas, magestosas, em fim conformes á materia, ao logar, á occasião, á situação do animo do que falla, segundo a maxima de Horacio.

.... Ao rosto triste
Tristes vozes convem; respire ameaços
O que em colera está; graceje o alegre,
E mostre seriedade o que é severo.

[1] *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, t. 4.

Uma lingua de palavras todas sisudas, e toda séria, mais propria seria para os monges da Cartuxa, do que para o exercicio quotidiano da vida particular, e commercio da vida civil. Por isso não ha estilo mais figurado que o da familiaridade franca, lisa, e sincera; e tanto mais felizmente acontece isto, quanto as linguas ministram maior soccorro de vozes correntes, mas que ao mesmo tempo fazem nas idéas umas como metamorphoses não esperadas, e por isso tanto mais agradaveis. Porém n'este particular umas linguas são mais séccas que outras, e nem todas correspondem égualmente á viveza da imaginação da pintura das idéas. Muitos auctores dizem que a lingua portugueza tem esta vantagem, pela fertilidade e variedade de termos. Tem-se achado ser verdade o que affirmam, posto que os que d'ella escreveram fallaram mais como panegyristas que como philosophos; contentaram-se com umas idéas geraes das suas excellencias sem as profundar. Porém á vista da cruel conspiração que contra ella se arma no presente seculo, parecia mais justo dizer-se, que nós mesmos somos invejosos da sua abundancia, e que quasi por vingança a queremos empobrecer!

O estilo simples, no qual entra o familiar por seus gráus, necessita de termos de reserva para exprimir as coisas de um modo ora engraçado, ora picante. Tirem-nos muitas d'essas expressões, que injustamente chamam plebéas, que nos ficará senão uma phrase sécca como de meninos bisonhos?

É certo que uma grande parte dos nossos adagios, e os ditos engraçados, tem uma tal dependencia d'aquelles vocabulos familiares que os exprimem, e por outra parte esses vocabulos parecem talhados para elles tanto ao justo, que quando os trocâmos por outros de maior cultura, perde-se a graça, e fica em gravidade sécca a que era jocosa e decente agudeza. E quem duvida, que se levados d'este irracional pundonor, desprezarmos as palavras chãs, correntes da nossa lingua, pelo mal entendido plebeismo d'ella, poderemos dizer da lingua portugueza o que Cicero disse n'outro tempo da sua latina: *Nullum veteris leporis vestigium apparet.* Que se não vê já nem rastro da antiga galanteria da lingua portugueza; ou daremos a mesma queixa que o illustre Fenelon dava aos seus, de ter perdido a lingua franceza mais vocabulos do que lhe haviam introduzido, e que a titulo de a quererem apurar, a tinham empobrecido, que é a mesma idéa do auctor dos *Caractéres.*

Quem não vê nas cartas de Vieira aquelle atticismo tão gabado dos antigos, concisão, gravidade, agudeza, junta com a graça de expressões familiares propriissimas?

Seja exemplo a que escreveu de Roma ao marquez de Gouvêa, sobre as promoções de bispados, quando diz: «Oiço que vão n'esta *barcada* os bispados de Evora, Lamego, Vizeu, Funchal, etc.» E n'outra escreve: «Esperava-se que tambem saisse n'esta *maré* o senhor bispo de Lans, etc.» Mas veja-se como este insigne escriptor conhecia as riquezas da lingua, e as manejava com variedade, porque n'outra ao mesmo marquez diz: «Em fim, vão n'este *despacho* sete bispados, a saber, etc.» E n'outra: «D'aqui não ha que avisar, mais que irem n'esta *occasião* tres bispados, etc.» Mil exemplos d'estes podéramos allegar.

Mas ainda na analyse austera que se exprime na linguagem dogmatica, quem duvida que são mui necessarios os termos familiares, e que sem elles muitas vezes seria imperfeita a demonstração da verdade? Por quanto, como observa um philosopho «Se uma lingua tem poucas palavras, isso é signal que a nação dos que a fallam tem poucas idéas; e se a significação das palavras é mal determinada, é signal que as idéas dos que a fallam são confusas...» Pois que conforme aquelle famoso problema que propoz mr. Maupertuis, em nome da academia de Berlim, se colhe, que a lingua tem um grande influxo sobre as opiniões dos homens, e reciprocamente que as opiniões influem sobre as linguas.

Não somos porém tão tentados de qualquer abundancia esteril, que pretendamos por este fim dar entrada ao uso indiscreto de quaesquer vocabulos, sem attender á sua força e propriedade.

Esgueirar-se em vez de *retirar-se*, n'uma historia grave, seria expressão bem indigna.

Enfronhado é bem acceito. *Enfarinhado* (dizem os velhos importunos) que modo de fallar! Que lhe acham? Não sabemos, mas é boa palavra no uso familiar, e os francezes dizem sem nojo: *Il s'est allé enfariner de cette opinion.*

Camarada tem seus empregos proprios:

1.º Nos que militam no mesmo exercito.

2.º Entre os servos sujeitos a um mesmo amo.

3.º Entre jornaleiros que trabalham para um mesmo dono, ou officiaes da mesma officina.

4.º Entre os que vão de companhia na mesma jornada.

Mas se alguem chamasse camaradas os professores de um collegio, ou os que exercitam a judicatura n'um mesmo tribunal, em logar de collegas, era burlesco.

Agarrar é expressão bem forte pela metafora das feras e aves de rapina, mas por isso, fóra de objecto de vituperio, nem sempre será decente, apesar de que alguns auctores usam d'este termo com maior liberdade.

Cibato é termo vil pela imagem ou idéa accessoria dos animaes, mas será mui boa metafora em materia odiosa.

Do mesmo modo *cevar*, *cevar-se*, boa metafora para invectiva dos vicios e viciosos; mas ninguem dirá: «cevar n'um banquete os seus amigos com exquisitas iguarias», e seria horrendo despropósito ouvir-se, «os fieis cevados com o manjar celeste da divina eucharistia», como já disse um, vertendo tão miseravelmente o termo latino *saginati.*

Borrar por apagar ou riscar, é termo tomado do hespanhol, mas em portuguez é de um equivoco insupportavel: apenas se usa do nome verbal, *borrão*, que é necessario.

Mas que razão haverá para que rejeitemos *mingua*, *minguar*, *minguado*, deixando sómente á lua o seu *minguante*, e ás velhas crendeiras as suas horas *minguadas?*

Que mal nos faz *atabafar*, que significa encobrir com engano, para que Duarte Nunes o pozesse na lista dos termos plebeus? Que me dêem na nossa lingua outra palavra por esta tão energica e redonda.

Quem diz *meigo* ou *carinhoso*, por que desprezará *fagueiro*, tendo em uso a palavra *affagos e affagar?*

Enfunado, *entonado*, por *soberbo;* e *moscar-se* ou *safar-se*, por *fugir*, *desapparecer*, ha muito para que sirvam.

Finalmente ha outros muitos que podiamos aproveitar em muitas occasiões, despindo-lhes a vil libré do plebeismo, como *atabalhoar*, *atabalhoado*, que o vulgo corrompeu em *atabular*, *atabulado*, pelo qual dizem outras vezes *estabalhoado*, *estabalhoada*, *estabalhoadamente.*

Prolongas póde ter bom uso no sentido figurado, tirado da propria significação, que é prorogações de tempo que a justiça concede aos pleiteantes. O vulgo o perverte quando diz: *Para não estar com mais perlengas*, ou *não estou para ouvir essas perlengas.*

A ambição ajoelha mais alto ás pessoas mais vis.

FR. AMADOR ARRAIZ

ORYCTÉROPO DO CABO, OU PORCO DA TERRA

Este animal é oriundo do Cabo da Boa Esperança, da Abyssinia e do Senegal.

Os zoologistas chamam-lhe *oryctéropo*, palavra grega que significa fosseiro, porque elle fossa a terra para lhe servir de morada; porém dá-se-lhe vulgarmente o nome de *porco da terra*, pela configuração que tem com o porco do montado.

O corpo do oryctéropo é carnudo, as pernas curtas, a cabeça afocinhada, as orelhas longas, os olhos regulares, a lingua delgada, comprida e mui viscosa para caçar as formigas de que se alimenta; a cauda, grossa na raiz, vae adelgaçando para a ponta; as unhas são grandes, maiores as dos pés de traz que as dos de diante. O pello da cabeça, corpo e cauda é curto; o do lombo e das ilhargas mais comprido, de côr cinzenta, mais carregada nas pernas. Tem perto de um metro de comprimento, desde o focinho até á origem da cauda.

Na terra faz o oryctéropo a sua gruta para habitar,



Oryctéropo do Cabo, ou porco da terra

obra que executa com rapidez. Quando tem fome vae procurar um formigueiro. Assim que o encontra, olha em volta de si para ver se está a salvo. Nunca principia a comer sem tomar esta precaução. Depois estende a lingua o mais que póde, com a extremidade na beira do formigueiro, fazendo ponte para as goelas. As formigas vem vindo em rastilho por ella acima, e quando o oryctéropo a sente bem carregada, recolhe-a e engole-as todas. Faz isto tantas vezes quantas baste para ficar farto. A natureza, para lhe assegurar este alimento, poz na lingua do porco da terra, pela parte de cima, uma camada de materia glutinosa, que não deixa escapar as formigas que a ella se pegam.

A carne d'este porco formiphago, apesar de se resentir de similhante pasto, dizem que é muito gostosa e sã. Os hottentotes, e tambem os europeus, comem-na muito bem; para o que fazem repetidas caçadas aos oryctéropos, que facilmente se alcançam, e se matam com uma cacheirada.

PARABOLA INSTRUCTIVA

Os nossos antigos costumavam metter nos seus apologos os diabos, e não os animaes como usam os fabulistas.

E tinham razão, porque pedir vozes emprestadas aos brutos, quando os demonios podem fallar tão bem como qualquer de nós, salvo seja, parece-nos luxo de inventiva.

A seguinte parabola, que outra coisa lhe não podêmos chamar, embora o nosso classico auctor a appellide *visão*, é das que ordinariamente phantasiavam os escriptores mysticos, para melhor exemplificarem as boas doutrinas que propagavam.

É das *Florestas* de Bernardes.

Convertido á voz de um prégador certo mercador, por usuras e maus tratos grosso e rico, enfermando mortalmente, fez chamar o prégador, e por seu conselho deputou quatro homens de satisfação que entendessem nas restituições a que se achava obrigado; para o que, largando tudo, foi pobremente metter-se no hospital.

Na seguinte noite viu o prégador um demonio em fórma e no aspecto de moço, que se carpia e amargamente lamentava. Viu logo outro de gesto e figura de velho, o qual, rindo-se e mofando do seu pranto, lhe dizia:

— Por que choras, nescio?

— Não hei de chorar, respondeu o outro, indo-se-me das mãos aquelle mau homem que havia de levar ao inferno, depois de o haver tido de meu senhorio ha tantos annos? Que direi, ou que hei de responder a quem me mandou solicitar sua condemnação? Mofino de mim, mofino!

Ao que rindo-se mais o diabo velho, com grande sorna disse:

— Agora vejo que mais sabem os velhos que os moços. Não tens, miseravel, que carpir-te, antes folgar muito, porque se perdeste o mercador por sua conversão, ganharás os quatro que elle fez executores de seus descargos. Contra estes põe tuas redes, estende as armadilhas, e eu te fico, que por um ganharás quatro; pois os dinheiros e bens deixados para aquelle effeito, logo se fazem carne propria, e convertidos em sangue, com difficuldade os executores se desfazem d'elles; ou com esses se ficam, ou tardam em cumprir o para que lh'os deixaram. D'esta maneira, mais ganancioso serás bem recebido do teu principe, levando-lhe por um que se escapou quatro!

Acordou do sonho ou visão o prégador, e logo deu parte d'ella aos commissarios ou testamenteiros, para se livrarem como se livrou o mercador, que em poucos dias falleceu verdadeiro penitente, indo assim a gozar a eterna bemaventurança.